

# ARTE E EXPERIÊNCIA

## Uma leitura das Cartas de Padre José de Anchieta pela via das artes visuais de Walmor Corrêa

Ariane Alves dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

A proposta deste artigo é discutir o conjunto da obra *Metamorfoses e heterogonias*, de Walmor Corrêa, a partir do conceito de experiência desenvolvido por David Lapoujade. Essa aproximação se justifica pelos possíveis tensionamentos entre as noções de realidade/ficção e ciência/arte. Objetiva-se, portanto, expandir os sentidos da rede conceitual suscitada pela obra e pela relação que ela estabelece com o meio, a literatura e a ciência.

**Palavras-chave:** artes visuais; arte contemporânea; Walmor Corrêa; literatura; Padre José de Anchieta.

### ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the whole of *Metamorfoses e Heterogonias*, by Walmor Corrêa, based on the concept of experience developed by David Lapoujade. This approach is justified by the possible tension between the notions of reality / fiction and science / art. Therefore, the objective is to expand the meanings of the conceptual network raised by the work and the relationship it establishes with the environment, literature and science.

**Keywords:** visual arts; contemporary art; Walmor Corrêa; literature; Padre José de Anchieta.

### INTRODUÇÃO

O processo criativo do artista brasileiro Walmor Corrêa se destaca pelo interesse em investigar questões concernentes aos campos das artes visuais, da ciência, da literatura e da história. Comumente, as artes visuais e a literatura estariam situadas no âmbito da ficção, enquanto a ciência e a história se fundariam no paradigma da verificabilidade, da comprovação e dos registros documentais. No entanto, esses paradigmas, que situariam as áreas de conhecimento em regiões bem delimitadas, são desestabilizados quando pensados pelas noções de experiência e processo.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O trabalho *Metamorfoses e Heterogonia*, assim como outros da ampla gama que constituem a trajetória de criação do artista, possibilita o debate sobre os sistemas de investigação histórica, científica e sua produção de resultados partindo de alguns materiais e conceitos. Entre os materiais de pesquisa, destacam-se as anotações encontradas em cartas redigidas por Padre José de Anchieta (1534-1597) sobre a fauna e flora brasileiras. No período, o jesuíta era considerado um pesquisador notável, e seus registros considerados verdadeiros tratados naturalistas. Neles, encontram-se, por exemplo, descrições de diversas espécies de pássaros presentes no Brasil no século XVI, muitas vezes com características dotadas de exotismo por tratar-se do olhar de um europeu sobre uma terra desconhecida. Evidentemente, o estatuto de veracidade sobre a existência de alguns desses animais se desfez, o que nos levaria a pensar que Walmor Corrêa elaboraria um trabalho tendo em vista desmontar o sistema histórico-científico do período, expondo esses enganos e nos convidando a corrigi-los conforme as comprovações atuais que temos a seu respeito. No entanto, o motor de tal criação é justamente a falibilidade e os erros identificados nesses métodos, criando relações entre diferentes áreas de saber, embaralhando as noções de verdadeiro e falso e nos direcionando para a possibilidade de expansão sógnica que tanto as artes visuais quanto a literatura engajam.

Para compreendermos como essas relações são construídas ao longo do trabalho *Metamorfoses e Heterogonias*, trataremos para o debate o conceito de experiência do filósofo pragmatista William James relido por David Lapoujade em seu livro *William James e a construção da experiência*. Essa escolha se justifica devido ao conceito de experiência mostrar uma aderência à noção de processo, tão cara ao olharmos para a obra de Walmor Corrêa, abrindo espaço para adentrarmos esse caminho de complexidade entre ciência e arte.

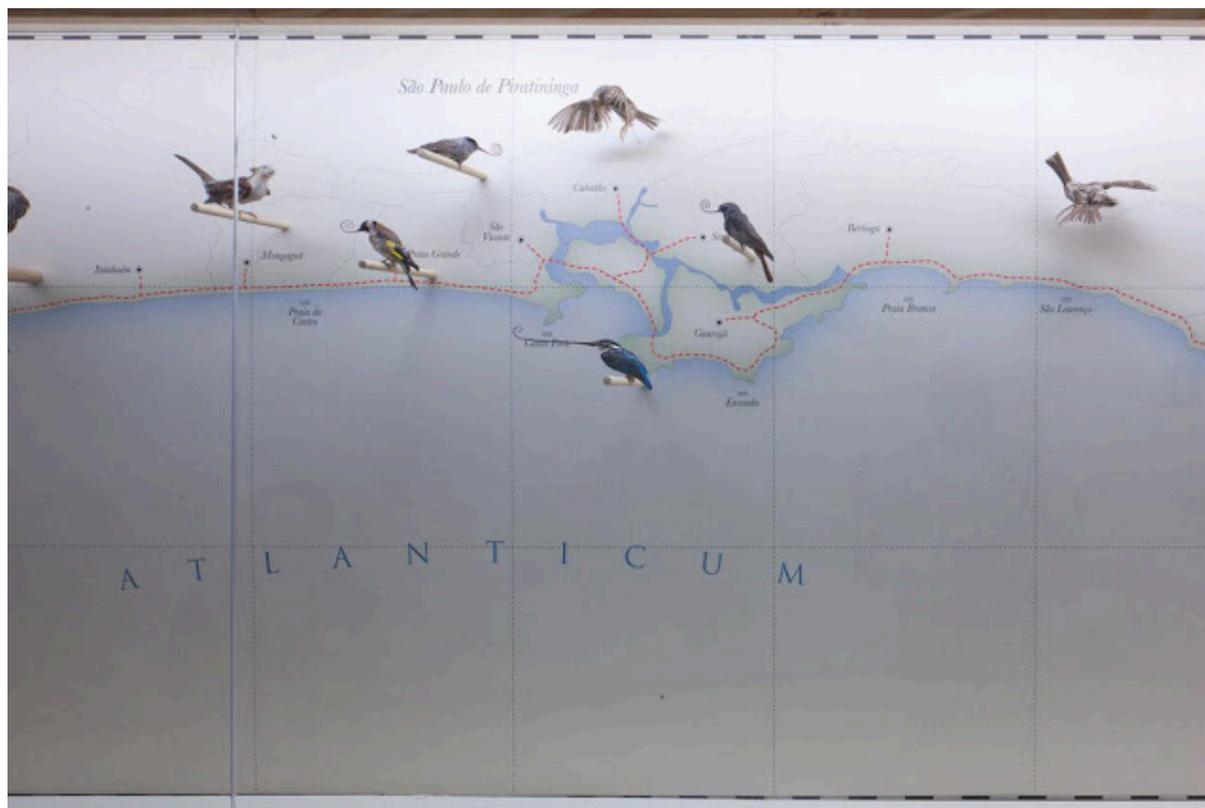
## 1 METAMORFOSES E HETEROGONIAS

Natural de Santa Catarina, Walmor Corrêa tem participado de importantes mostras de arte contemporânea, nacionais e internacionais, incluindo a XXVI Bienal de São Paulo, em 2004. *Metamorfoses e Heterogonias* foi exposta no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) no ano de 2015, integrando o *Projeto Paredes*, que consistiu na colocação da obra em um dos corredores de acesso à sala principal de exposição.

As técnicas usadas na criação são bastante diversificadas, sendo uma delas o empalhamento de animais, utilizada para atingir o máximo possível de veracidade. A cartografia é outro

método presente na composição ao apresentar um mapa amplo da região litorânea paulista (fig. 1), principalmente da parte que integra São Vicente, Guarujá, Bertioga, Mongaguá e Itanhaém, isso porque, segundo os relatos, seriam os trechos percorridos por Padre José de Anchieta. Ao longo das regiões que compõem o mapa, foram dispostos quinze pássaros empalhados, aqueles descritos nos relatos, cada um sobre os locais onde supostamente eram seus habitat. Cartazes também foram elaborados com desenhos feitos por Walmor Corrêa. Nestes, podemos visualizar as chamadas para o público participar de cursos, exposições, atividades, palestras e observações de aves no Parque Ibirapuera, local onde está localizado o Museu de Arte Moderna (fig.2).

Figura 1: Mapa da região litorânea de São Paulo



Fonte: Disponível no site do artista, [www.walmorcorrea.com.br](http://www.walmorcorrea.com.br)

Figura 2: Cartaz



Fonte: Disponível no site do artista, [www.walmorcorrea.com.br](http://www.walmorcorrea.com.br)

Figura 3: Corredor do Museu de Arte Moderna, cartazes e seção de taxidermia



Fonte: Disponível no site do artista, [www.walmorcorrea.com.br](http://www.walmorcorrea.com.br)

Ao lado do mapa exposto na parede, localiza-se uma porta que dá acesso a uma provável seção de taxidermia. Nesse caso, houve uma intervenção no espaço arquitetônico simulando a existência desse laboratório. A sua presença no ambiente causa estranhamento, no entanto também nos leva a crer que de fato houve a elaboração de um espaço adequado, uma vez que o cartaz convoca o público a participar de cursos voltados à área. Devido a todos esses arranjos, aqueles que interagem com a obra/espaço inicia um processo de dúvida sobre a existência dos animais, do curso oferecido e do próprio laboratório de taxidermia.

Na obra *William James, a construção da experiência* o filósofo francês David Lapoujade (1964) propõe uma leitura de diferentes conceitos do filósofo pramatista William James. Entre esses conceitos estão as noções de verdade e conhecimento, crença e experiência, que se desenvolvem em rede ao longo do livro. Diante do trabalho de Walmor Corrêa é possível pensar a experiência como um dos motores que mobiliza a criação artística, e não só isso, mas como ela mesma torna-se parte constitutiva na produção de sentido da obra.

Figura 4: técnica de empalhamento utilizada na confecção de animais



Fonte: Disponível no site do artista, [www.walmorcorrea.com.br](http://www.walmorcorrea.com.br)

Para Walmor Corrêa, a arte pode colocar em relevo as diversas formas em que a falha científica se manifesta. Uma delas é justamente o encontro entre mito e ciência, conforme é possível notar no trabalho *Unheimlich* (2005). Nele, o artista se propôs a estudar a organização fisiológica de cinco seres imaginários do folclore brasileiro: o Curupira, o Ipupiara, o Capelobo, a Ondina e a Cachorra da Palmeira. Nessa criação, os seres são híbridos, parte animal, parte humano. Para chegar às imagens e ao conhecimento sobre a organização desses corpos, foram consultados profissionais da medicina, para que a obra pudesse expor a continuidade dos seres, homem e animal, por meio de sua fisiologia exposta em forma de dissecação. Nesse trabalho, portanto, emerge o estranhamento quando colocamos esses dois universos em contato, ou seja, o vocabulário técnico da ciência com o caráter fantasioso dos seres imaginários, o que também ocorre em *Metamorfoses e Heterogonias*.

Essas fronteiras bastante difusas entre verdadeiro/falso, mito/ realidade, aproxima-se da visão de William James do que podemos entender sobre *verdade*. Comumente esse conceito foi abordado ao longo da história da filosofia a partir de uma constituição transcendente, pois haveria por trás dos fenômenos uma substancialidade intrínseca em si, ou seja, pela experiência não teríamos acesso à coisa em si, somente a uma de sua parcela, que se constitui como gradações de fenômenos. Para James e Lapoujade a verdade não mais é declinada no singular, como se respondesse a uma totalidade e unidade de sentido, e sim no plural: as verdades são múltiplas, pois implicam nos diferentes modos de verificação de diferentes processos da vida, gerados pelas mais diversas ações e passagens cujo resultado pode ser entendido como verdadeiro ao gerar uma “ação bem sucedida” (LAPOUJADE, 2017, p.9). Cabe frisar que a ideia de ação bem sucedida não se refere ao termo sucesso, muitas vezes utilizado para banalizar o pragmatismo a uma filosofia para obtenção de eficácia nas ações. A ação bem sucedida está contida na elaboração da ideia e nos processos, uma vez que o pensamento, o conhecimento e a ação sempre estão em constante construção sendo, assim, entendidos como resoluções parciais. O que existe, portanto, não são “as coisas feitas, mas as coisas se fazendo” (LAPOUJADE, 2017, p.17).

Diante disso, ao termos contato com o trabalho de Walmor Corrêa abre-se um espaço para pesarmos sobre a própria elaboração do discurso científico. É importante frisar que o objetivo aqui não é questionar a validade desse discurso, e sim abrir um caminho para entendê-lo a partir de uma chave mais imanente, em que conceitos sempre são revistos, complementados por novas descobertas, criando novas validações e refutações constantes. Questiona-se, nesse caso, a estabilidade de um discurso que na verdade, para se constituir, necessita de constantes

desestabilizações. A ciência, portanto, passa a se afirmar nas experimentações, mais do que nas certezas e conclusões, ou, como afirma o químico Ilya Prigogine, “a significação das leis da natureza ganha um novo sentido. Doravante elas exprimem possibilidade” (2011, p. 12).

A Carta de São Vicente, de Padre José de Anchieta, datada de 1560, é considerada um material bastante frutífero para pensar nessas relações no trabalho do artista. Nesse período, Anchieta foi escolhido para que iniciasse a observação e descrição da região da Mata Atlântica, mais especificamente de São Vicente. Com grande erudição, conhecendo temas que passavam da literatura, à botânica e zoologia, Anchieta compôs um pequeno tratado da biodiversidade local. Além da descrição baseada na observação, também eram incluídos relatos dos indígenas sobre os animais, ampliando, assim, a significação de tal documento, pois revelava tanto o aspecto biológico quanto o cultural, uma vez que narrava o modo como tais seres eram percebidos. A carta incluía, ainda, informações sobre os costumes locais, a língua indígena, descrição e aplicação de ervas medicinais e informações sobre a culinária.

Considerada o primeiro documento no qual há uma apresentação da Mata Atlântica, a carta também traz descrições sobre o clima, as diferentes espécies de cobras, anfíbios e aracnídeos, a diversidade de abelhas e, também, de animais vistos por ele especificamente na região, sem contar com referências em plagas europeias, tais como o bicho preguiça e o tamanduá bandeira.

Padre José de Anchieta desembarcou na Baía de Todos os Santos, no estado da Bahia, em julho de 1553, junto a D. Duarte da Costa, segundo governador do Brasil, padre Luiz da Grã, provincial dos Jesuítas e de outros padres e integrantes na ordem. Em janeiro de 1554, migra para São Paulo, local onde iniciou a redação das cartas de periodicidade quadrimestral. Além disso, tornou-se professor de latim, lecionando para o padre Manoel de Paiva, líder das missões jesuítas na região, além de traduzir, quando necessário, textos para a língua portuguesa. Em seguida, dedicou-se a aprender o tupi, fator que propiciou sua aproximação dos indígenas nas relações de escambo. Ao longo da edificação da cidade de Piratininga e do processo de catequização, Anchieta percorreu o litoral paulista, adentrando as regiões de Bertioga e Itanhaem.

Além do domínio da língua, Anchieta também era apreciador da literatura. Compunha versos e utilizou recursos da poesia sacra, autos e mistérios no processo de catequização indígena. Dotado desses recursos, suas cartas apresentam as descrições e interpretações das observações feitas das plantas, dos bichos, do clima, da terra local. Nessa artigo não serão abordadas as questões referentes à catequização, os conflitos ou à fundação da cidade, o foco se direciona para o aspecto que está em consonância com as obras de Walmor Corrêa: a descrição naturalista.

As cartas iniciais enviadas a Portugal apresentam majoritariamente informações sobre os hábitos indígenas, sua adesão à catequização, as dificuldades encontradas e superadas ao longo desse contato e as estratégias de aprendizagem da língua local. Trata-se de um olhar estrangeiro diante de uma organização social e de um ambiente repleto de contrastes àquele de origem de Anchieta, por isso em diversos trechos das cartas encontramos uma descrição feita por um sujeito tanto deslumbrado com as belezas quanto espantado com tudo que visualiza em seu caminho.

A partir da carta X, escrita em São Vicente, datada de maio de 1560 e dirigida ao Padre Geral, há uma mudança no teor desses relatos: trata-se do início de uma observação mais detida da fauna e flora locais. Assim como nas cartas em que há uma apresentação dotada de estranhamentos em relação aos costumes, os relatos naturalistas também apresentam essa característica. Padre Anchieta, inclusive, escreve que deseja narrar “acerca do que suceder conosco que seja digno de admiração ou desconhecido nessa parte do mundo” (1933, p.103). A carta, posteriormente, integraria a *Coleção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas*, da Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1812. Ou seja, tal documento serviria como parâmetro técnico-científico para o conhecimento das características do local colonizado. Na abertura da carta consta um resumo sobre os assuntos que serão tratados, organizados da seguinte maneira:

“Carta X: “Descrição das coisas naturais da Capitania de São Vicente. – Divisão das partes do ano. – Tempestades. – Disputa com um feiticeiro. – Enchente dos rios. – Saída dos peixes. – Boi marinho. – Narração de uma tempestade no mar. – Entrada dos peixes. – Sucuriuba. – Jacaré. – Capivara. – Lontras. – Caranguejos. – Modo indígena de curar o cancro. – Jararaca, cascavel, coral e outras serpentes. – Piolho de cobra. – Aranhas. – Tatoranas. – Panteras. – Tamanduá. – Antas. – Preguiça. – Gambá. – Ouriços. – Macacos. – Tatú. – Veados. – Gatos minteses, gamos e javalis. – Lhama do Perú. – Bicho da taquara. – Formigas. – Abelhas. – Moscas e mosquitos. – Papagaios, beija-flores e outros pássaros. – Guará e outras aves marinhas. – Aves de rapina. – Anhima. – Galinhas silvestres. – Mandioca e “Yeticopê”. – Erva viva. – Árvores medicinais. – Pinheiros. – Raizes medicinais. – Pedra elastica. – Conchas e perolas. – Espectros noturnos ou demonios. – Raras deformidades entre os Brasis. – Criança monstruosa. – Um porco hermafrodita” - (ANCHIETA, 1933, p. 103)

O primeiro ponto tratado refere-se às características do clima tropical e sua influência na agricultura, muitas vezes compostas de adjetivos que expressam sensações hiperbólicas, hostis

e terríficas: “a tempestade caiu com tanta violência que parecia ameaçar-nos o Senhor com a destruição (...) Se o Senhor não tivesse abreviado aquele tempo, nada poderia resistir a tamanha violência e tudo cairia por terra” (ANCHIETA, 1933, p.105) .

Embora haja ao longo das cartas descrições dos mais diversos animais, tais como o peixe-boi, o tamanduá, aranhas, mosquitos e serpentes, Walmor Corrêa se debruçou nas descrições sobre os pássaros. Perante a novidade de avistar e ter contato com algumas espécies, além de não possuir uma referência anterior sobre elas em seu contexto de origem, Portugal, a apresentação dos animais gera estranhamento ao leitor contemporâneo, que já possui a experiência de visualizá-los no Brasil. Entre eles, destaco o beija-flor, que foi materializado em *Metamorfoses* e heterogonias conforme as informações dadas por Anchieta: “Há ainda outros passarinhos, chamados guainunbi, os mais pequenos de todos; alimentam-se só de orvalho; dêses há vários gêneros, dos quais, um, afirmam todos, se gera da borboleta.” (ANCHIETA, 1933, p.124). O regime da crença da época associava a origem do beija-flor a uma borboleta, a *Macraglossa annulosa*, inclusive através dos relatos indígenas.

Além do beija-flor, Anchieta descreve também um Podicipedideo, popularmente conhecido como Mergulhão:

Há ainda outra ave marinha semelhante á ádem, que, em lugar de asas, tem pequenos membros, vestidos de macia penugem; tem os pés quasi na cauda, de maneira que não podem sustentar o corpo e só lhe servem para nadar, quando ela não póde voar nem andar. (ANCHIETA, 1933, p.124)

Diante desse panorama, pode-se afirmar que a produção da verdade não se estabiliza em uma resolução final. Nesse sentido, há uma aderência na obra de Walmor Corrêa, em que o conhecimento e a crença se constituem nesse processo de mudança e instabilidade. Lapoujade recorre à psicologia para entender como os processos mentais não se resumem à representação. Isso porque essa noção parte de uma realidade substancial da mente, ou seja, oposta ao fluxo e à processualidade, sendo, assim, mais frutífero entendê-la pela dinâmica mútua em que a “ideia produz a mente e como a mente é produzida através dela” (LAPOUJADE, 2017, p. 11). O que seria essa produção nesse movimento contínuo entre a geração de ideias que produzem a mente?

A verdade, nessa teoria, não é declinada no singular. Ela se constrói no plural, são verdades, pois elas estão associadas aos processos de verificação. A verificação tem aderência com a noção de experiência, que em si inclui a asserção de que as coisas trazem em si o seu

potencial de mudança constante, assim como se estabelecem em planos de consistência. Isso significa que há uma conjunção entre equilíbrio e não equilíbrio, mostrando-nos que a vida se desenvolve nesse processo contínuo. Com isso, a idealização da natureza como uma constituição que se dá somente pela harmonia e equilíbrio pode ser questionada.

Afirmar a possibilidade em lugar da certeza não implica uma negação das leis científicas. Pelo contrário, somam-se eventos que escapam a elas, tornando-as um campo aberto de criação. É nesse ponto que emerge o caráter criativo ao propor uma descrição da natureza que vai contra uma proposta determinista dos fenômenos

O pragmatismo é um método de avaliação prática, examina as ideias, os conceitos e as filosofias não mais do ponto de vista da sua coerência interna ou da sua racionalidade, mas em função da sua consequência prática. Devemos avaliar as ideias segundo seu objetivo de nos fazer agir ou pensar. Se o pragmatismo é assim definido, ao examinarmos as ideias e conceitos que permeiam a obra de Walmor Corrêa podemos pensar quais são as suas consequências práticas para pensarmos sobre as cartas de Padre José de Anchieta, o quanto ela nos leva a fazer pensar sobre a veracidade e o falso.

A arte propõe conceitos para nos fazer pensar e muitas vezes agir, conforme as premissas do pragmatismo, colabora para

fabricar as ideias que possam servir à ação ou ao pensamento. Ele se torna, dessa maneira, uma ferramenta de criação. Como se fazem as ideias e o que fazemos com as ideias, esses são os dois eixos do pragmatismo. De um ponto de vista muito geral, o pragmatismo, portanto, concebe as ideias como causa para a ação que nos permite criar e avaliar. Essa é grande dificuldade: não um método da criação, mas um método para a criação. (LAPOUJADE, 2017, p.14)

O mundo, nessa visão, está sempre por se fazer, pois depende das relações possíveis que estabelecemos, ou seja, “há relações na medida em que se trata, justamente, de um campo de experiências que se cruzam, que se prolongam indefinidamente, se colidem, se interpenetram, às vezes sem nenhum limite demarcado” (LAPOUJADE, 2017, p. 28).

O encontro entre a escrita de Padre José de Anchieta e a instalação de Walmor Corrêa nos leva a pensar sobre essas relações, empreendidas de modo singular. A experiência que emerge é diversa porque as relações são plurais. Se o registro literário/naturalista de Anchieta teve como objetivo a difusão de uma descrição da realidade, com o intuito de transmitir a veracidade

do que foi encontrado no Novo Mundo, a obra de Walmor Corrêa também propõe expor a instalação como real. No entanto, as mediações ao longo do tempo geraram outras verdades e experiências. Ao crer na instalação como algo verídico, também depositamos o nosso regime de crença. Ela nos faz crer, mas com algumas suspeitas. Expõe justamente a falibilidade do discurso de Padre José de Anchieta, outrora elevado ao estatuto de verdade, levando-nos a suspeitar de outros discursos que se constituem pelo mesmo sistema.

A visão da natureza presente nos dois trabalhos, portanto, a afirma em sua constante geração de novas composições, isso porque a substância e a forma não apresentam um fundamento imutável, ela é singular e está sempre em devir. Diante do movimento intrínseco a essa abordagem, a percepção se volta mais para o movimento do que para uma distribuição prévia de fundamentos para a natureza, a história e a arte. Torna-se um campo aberto para diversas mediações, abrindo espaço para agir sobre uma realidade a partir de uma ideia. O conhecimento se faz por pedaços que não se convergem em um unidade, e sim possibilita combinações *ad infinitum*, refletindo os processos da vida como constantes e, conseqüentemente, o próprio conhecimento como uma construção.

## REFERÊNCIAS

ANCHIETA, P. J. Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

JAMES, W. *Pragmatismo e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1967.

LAPOUJADE, D. *William James, a construção da experiência*. São Paulo: N-1, 2017.

PRIGOGINE, I. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. Trad. Roberto Leal Ferreira. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SIMONDON, Gilbert. “A gênese do indivíduo”. In: *Cadernos de subjetividade - O reencantamento do concreto*. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP – vol. 1, nº 1. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.